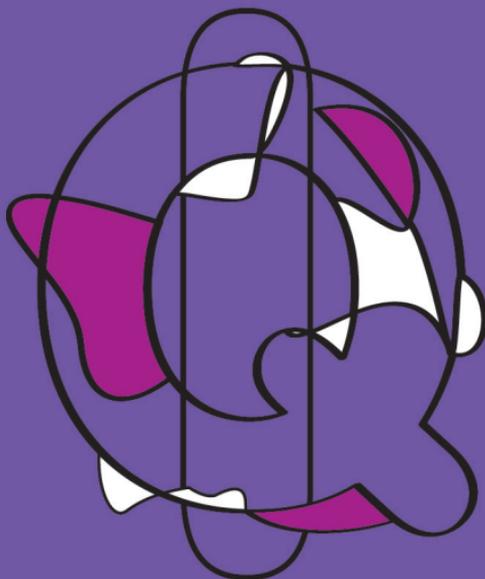


SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana



**PORQUE A HISTÓRIA
TEM QUE CONTINUAR...**

VERSÃO PRELIMINAR

VOLUME 10



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula

SECRETÁRIA EXECUTIVA PEDAGÓGICA

Maria Sílvia Bacila

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO

Bruno Lopes Correia

CHEFE DE GABINETE

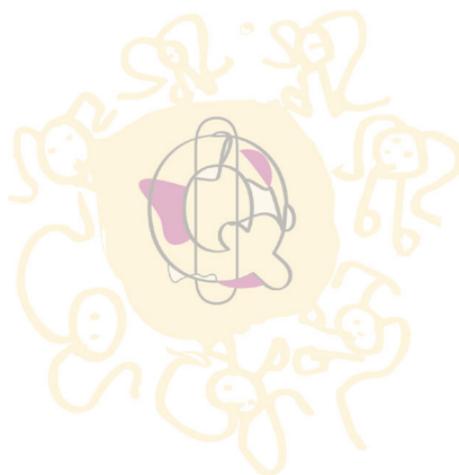
Ronaldo Tenório

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO - DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana



**PORQUE A HISTÓRIA
TEM QUE CONTINUAR...**

VOLUME 10

VERSÃO PRELIMINAR

São Paulo, 2025

COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED

Simone Aparecida Machado - *coordenadora*

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL – DIEI

Mariana Silva Lima - *diretora*

EQUIPE TÉCNICA E ADMINISTRATIVA

Ana Barbara dos Santos

Anna Maria de Feo Vieira

Camila de Vila Nova Gonçalves

Katia Regina Cavalcanti

Maria Noemia Ferreira Figueiredo

Matilde Aparecida da Silva Franco Campanha

Talita Alves Silva

Tathiana Augusta Rodrigues Lourenço Martinez

Thais Cristina Saldanha dos Santos

Estagiários(as)

Ana Beatriz Pires de Assis

Giuliano Pinheiro Massimo

Guilherme Pereira do Nascimento Melo

Heloísa Castelli Celeste

Maria Eduarda Oliveira Flores

ELABORAÇÃO E ACOMPANHAMENTO

Bruna Ribeiro

Juliana Manso Presto

Tathiana Augusta Rodrigues Lourenço Martinez

Thiago Pacheco

GRUPO DE TRABALHO

LEITURA CRÍTICA

Bruna Galluccio Ferreira

Cristiane Aparecida Domingos de Oliveira

Fabiana Lopes Laurito

Lilith Neiman

Mariana Cuisse Lopes Suller

Monica da Silva Valadão

Priscila Aparecida Santos de Oliveira

Sandra Nogueira Viana

Olá, educadoras(es)!

O volume 10, **Porque a história tem que continuar...**, é parte integrante da *Coleção Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista - Box Comemorativo 10 anos*, que visa socializar um material de qualidade com vistas à formação continuada das e dos profissionais em relação à temática.

Este décimo e último volume tem por objetivo realizar uma síntese reflexiva sobre os sentidos da avaliação, discutindo, ainda, sobre os perigos de uma história única e a importância de que todas e todos se apropriem da história para que possam continuar sua escrita como protagonistas do processo.

Além disso, no decorrer deste volume, você encontrará sugestões de exercícios reflexivos a serem realizados coletivamente e, ainda, poderá usufruir de uma curadoria de materiais textuais e audiovisuais para estudos complementares.

Convidamos você a explorar esse material e mergulhar nessa temática tão essencial para a garantia dos direitos dos bebês e das crianças.

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Composição do Box

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana

Avaliação da qualidade
na Educação Infantil

1

Fins e princípios
da autoavaliação

2

Aspectos metodológicos
da autoavaliação

3

O papel do
plano de ação

4

O fortalecimento
da gestão democrática

5



6

A escuta e a participação
de bebês e crianças em
autoavaliações

7

Relações étnico-raciais
e de gênero

8

A dimensão do cuidado
na educação de bebês
e crianças

9

O desemparelhamento
de bebês e crianças e o brincar
na e com a natureza

10

Porque a história
tem que continuar...

Temas abordados

Avaliação da qualidade na Educação Infantil

1

- O que significa avaliar
- Avaliação informal e formal
- O que significa avaliar a qualidade
- Quais os tipos de avaliação na Educação Infantil
- Critérios de qualidade

Fins e princípios da autoavaliação

2

- O que é uma avaliação institucional participativa
- Princípios da autoavaliação institucional participativa
- Antecedentes do documento paulistano
- Linha do tempo histórica: 10 anos de construção de uma cultura da autoavaliação participativa
- As dimensões de qualidade almejadas para a(s) infância(s) paulistana(s)

Aspectos metodológicos da autoavaliação

3

- A construção da qualidade em participação
- Proposta metodológica
- A metodologia do uso das cores
- A participação de familiares/responsáveis
- O fortalecimento de uma cultura da autoavaliação institucional participativa

O papel do plano de ação

4

- Avaliei, e agora?
- A autoavaliação e sua capacidade de produzir evidências do cotidiano
- O plano de ação e sua capacidade de produzir consequências para o cotidiano
- Consequências da autoavaliação para as políticas públicas
- Consequências da autoavaliação para as Unidades Educacionais

O fortalecimento da gestão democrática

5

- A construção da qualidade por meio da gestão democrática
- A autoavaliação e o fortalecimento da gestão democrática
- A autoavaliação e a produção de insumos para a construção do PPP
- Gestão democrática na prática: relatos de experiência
- Gestão democrática e Indicadores todos os dias

6

A escuta e a participação de bebês e crianças em autoavaliações

- A participação dos bebês e das crianças como princípio inerente à qualidade na/da Educação Infantil
- Participação, escuta e autoria de bebês e crianças: afinal, do que estamos falando?
- A escuta de bebês e crianças em avaliações
- Desafios ético-metodológicos na escuta de bebês e crianças em autoavaliações
- Construindo a participação cotidiana e permanente de bebês e crianças

7

Relações étnico-raciais e de gênero

- Educação étnico-racial, não xenofóbica para a equidade de gênero e o compromisso social da escola pública
- Educação antirracista e equidade de gênero perpassando todas as dimensões
- A dimensão 5 como dispositivo de luta em direção às práticas antirracistas e não sexistas
- Educação antirracista de janeiro a janeiro
- O fortalecimento do planejamento e da intencionalidade docente

8

A dimensão do cuidado na educação de bebês e crianças

- Cuidado: a essência do ser humano
- A ética do cuidado
- A dimensão do cuidado na Educação Infantil
- A dimensão do cuidado nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana
- A dimensão cotidiana do cuidado na educação de bebês e crianças: relatos de experiência

9

O desemparelamento de bebês e crianças e o brincar na e com a natureza

- Um mundo em colapso: o que a Educação Infantil tem a ver com isso?
- A natureza como local de (re)encontro conosco
- Desempareladar é preciso para retomada da importância do corpo e da experiência na aprendizagem
- Brincadeiras arriscadas e perigosas: a necessária distinção
- Materialidades e suas potencialidades

10

Porque a história tem que continuar...

- O leito de Procusto e os perigos das avaliações de tamanho único
- Superando o discurso da “qualidade de antigamente”
- Construindo a qualidade social na Educação Infantil

As 9 Dimensões de Qualidade da Educação Infantil Paulistana

Dimensão 1 – Planejamento e gestão educacional.

Dimensão 2 – Participação, escuta e autoria de bebês e crianças.

Dimensão 3 – Multiplicidade de experiências e linguagens em contextos lúdicos para as infâncias.

Dimensão 4 – Interações.

Dimensão 5 – Relações étnicos-raciais e de gênero.

Dimensão 6 – Ambientes educativos: tempos, espaços e materiais.

Dimensão 7 – Promoção da saúde e bem-estar: experiências de ser cuidado, cuidar de si, do outro e do mundo.

Dimensão 8 – Formação e condições de trabalho das educadoras e dos educadores.

Dimensão 9 – Rede de proteção sociocultural: Unidade Educacional família, comunidade e cidade.

Sumário

O leito de Procusto e os perigos das avaliações de tamanho único	11
Superando o discurso da “qualidade de antigamente”	14
Construindo a qualidade social na Educação Infantil	16
Para saber mais	19
Referências	21



Desenho de Alícia Isabel, 5 anos.

“Quando a gente deixa toodo mundo entrar na brincadeira, ela fica muito mais feliz, por isso não pode deixar ninguém de fora”.

(Jéssica, 5 anos)

Escuta e coleta da fala: Bruna Ribeiro.

Escuta e coleta do desenho: Márcia Carozzi e Alana Silva Brito.

O leito de Procusto e os perigos das avaliações de tamanho único

Segundo a mitologia grega, Procusto (que significa o esticador) era um bandido que possuía uma cama de ferro que tinha exatamente seu tamanho e ficava localizada em uma estalagem em meio a uma cidade que servia de passagem a todos que queriam chegar em Atenas. Todos os viajantes que passavam, não tendo outra opção, eram convidados a descansar na estalagem e se deitar no leito de Procusto e, assim, retomar sua viagem no dia seguinte. No entanto, segundo o mito, se os hóspedes fossem maiores que a cama, Procusto cortava fora o “excesso”, amputando os pés ou cabeças; já os menores eram esticados até que ficassem com o exato tamanho da cama, ou seja, **todos tinham que se adaptar e se ajustar ao padrão**, ao tamanho de Procusto.

Algumas versões do mito contam ainda que a deusa Atena, ao ficar com piedade dos clamores das vítimas, desce do Olimpo e interroga Procusto sobre o porquê daquela maldade. Ele prontamente responde que estava apenas fazendo justiça, acabando com as diferenças entre os homens ou em seus dizeres: “eu não julgo, quem julga é a cama, o instrumento é neutro, eu só estou querendo promover a igualdade entre os homens”. Estarrecida, Atena se cala e volta ao Olimpo.

Antes de prosseguir com a leitura, sugerimos que dialogue sobre este mito com o coletivo de sua Unidade, buscando refletir coletivamente sobre as seguintes questões:

Que relações podemos fazer do mito com os processos avaliativos em geral? O que significa falar que vivemos hoje em uma “Sociedade de Procusto”? Quais os impactos disso na discussão da qualidade da/na Educação Infantil? Como não confundir padronização e extermínio das diferenças com a necessária garantia de direitos dos bebês e das crianças?

O mito de Procusto, ao balizar todas e todos pelo mesmo padrão, nos ajuda a refletir sobre os sentidos da avaliação no âmbito da Educação Infantil e a necessária ponderação e diferenciação entre a busca por qualidade e a busca por uma padronização que quer, como Procusto, extirpar as diferenças.

Há muito já se sabe que os instrumentos de avaliação não são neutros, pois carregam concepções sobre o que se entende por bebês e crianças, o que é o conhecimento... Assim, podemos dizer que eles são reveladores de um projeto de educação e de sociedade. E por isso mesmo, as avaliações pensadas para cada etapa educacional devem estar alinhadas à identidade e especificidade de cada etapa da Educação Básica.

No volume 1, já discutimos sobre a multidimensionalidade da avaliação e a especificidade da avaliação na/da Educação Infantil. E em que pese a necessidade do ponto de vista da gestão pública, de avaliações de larga escala com vistas a produzir insumos para a formulação de políticas públicas mais assertivas, é

necessário, concomitantemente, fortalecermos processos avaliativos que não busquem se balizar por um modelo, um padrão de tamanho único, que acaba não servindo a ninguém.

Para tal, são necessários indicadores de qualidade que expressem o acúmulo histórico da área, os direitos sociais já conquistados e o diálogo entre os diferentes, para que, a partir do confronto democrático, possamos ir construindo uma qualidade social que comporte todas e todos. E essa qualidade não está dada, ela precisa ser construída e não será copiando o passado que vamos alcançá-la, e sim aprendendo com nossa história.

Superando o discurso da “qualidade de antigamente”

Faz parte dos discursos de senso comum em relação à escola pública brasileira, e até mesmo em discursos políticos, afirmações que alegam que “a escola pública do passado é que era boa, que tinha qualidade”. **Será mesmo?**

Antonio Gois, um renomado jornalista especializado em educação, em seu livro “O ponto a que chegamos: duzentos anos de atraso educacional e seus impactos nas políticas do presente” (2022), faz um profundo estudo da história da educação no Brasil nos últimos 200 anos para buscar compreender as políticas educacionais do presente.

Assim, o autor apresenta fartas evidências de que o

“sistema educacional do passado era, na verdade, uma grande máquina de exclusão em massa, que, entre outras mazelas, abusou do expediente da repetência sem que isso resultasse em mais aprendizagem” (Gois, 2022, p. 30).

O estudo mostra, ainda, que existiam “pequenas ilhas de excelência” para os poucos que sobreviviam ao final do Ensino Básico.

Em suma, os dados mostram que “**como sistema nunca tivemos uma educação de qualidade para todos**”. Uma breve análise do gráfico a seguir evidencia isso, ao mostrar que de 1000 alunos que ingressaram no 1º ano do então primário, apenas 155 terminavam a 4ª série e, destes, apenas 35 terminavam o ginásio. A pirâmide tende a ir se afunilando conforme vai aumentando o grau de escolaridade, sendo que, no colegial, dos 1000

ingressantes no primário, apenas 20 conseguiram concluir o 3º ano do colegial e apenas 10 ingressaram no ensino superior.

Evolução das matrículas no sistema escolar entre 1942 e 1953

Colegial	3º série	10
	2º série	20
	1º série	27
Ginásio	4º série	34
	3º série	35
	2º série	44
	1º série	54
Primário	4º série	71
	3º série	155
	2º série	274
	1º série	404

Fonte: Romanelli (1978)

Como pudemos constatar por esses breves dados, nunca tivemos como sistema, na história da educação no país, uma educação de qualidade para todos.

E conforme foi discutido no decorrer de toda essa Coleção, qualidade para poucos não pode ser chamada de qualidade, e sim de privilégio, por isso é preciso buscar a construção de uma qualidade que abarque a todas e todos, sem distinção.

Construindo a qualidade social na Educação Infantil

Como dizia Paulo Freire (1987), é preciso construir uma **nova qualidade**, uma **qualidade social**. É preciso que, ao matricular essas novas gerações que passam a ter acesso à escola pública, seja matriculado com eles, também, “a sua cultura, os seus desejos, seus sonhos, a vontade de ‘ser mais’”. É preciso matricular o projeto de vida desses novos sujeitos” (Gadotti, 2010, p. 9).

A busca da construção da qualidade participativa e negociada faz parte de um projeto de educação mais democrático, inclusivo, equânime, antirracista, não xenofóbico e não sexista, que busca a superação de nosso passado autoritário e excludente.

A autoavaliação proposta pelo documento Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana não pode tudo, nem poderia; ela sozinha não muda a educação, mas tem potencial para impactar pessoas, mudar mentalidades e rotas, e assim, como Freire (1987), cremos que as pessoas, estas sim, podem realizar mudanças.

Assim, queremos finalizar este décimo e último volume desta Coleção Comemorativa convidando todas e todos para que nos apropriemos desta história ocorrida nos últimos 10 anos. Que possamos aprender com essa história, reivindicando nosso papel de narradores e protagonistas.

Apropriarmo-nos de nossa história (individual e coletiva) é condição essencial para os processos democráticos. A história mundial nos mostra que governos totalitários e fascistas caminham

na direção do apagamento e da negação da história, pois a aniquilação do sujeito começa pela aniquilação das histórias em que fomos forjados.

Sem história, ficamos órfãos de nossas raízes e assim fica muito mais fácil a introdução de uma história e narrativa única. Os perigos de uma história única já foram alvo de inúmeras reflexões, como a de Adichie (2019), Gravatá (2022)¹ também nos fala que “enraizar é uma necessidade”:

*Flores
arrancadas murcham rápido
Pessoas
arrancadas
de suas histórias
também.*

Histórias únicas sobre sujeitos plurais geram pedagogias de tamanho único (Ribeiro, 2022), com currículos de tamanho único (Formosinho, 2007) e avaliações de tamanho único, que espremem e aniquilam sujeitos.

Processos antidemocráticos se fiam em histórias únicas. Processos democráticos se fiam em histórias, em pessoas, em pessoas com distintas histórias e saberes.

Esta Coleção busca, assim, contribuir para a apropriação das muitas histórias que compõem a história da construção coletiva da avaliação institucional, participativa e democrática proposta

1 Caderno Palavra: enraizar. Gravatá, André. Diálogos Embalados, 2022.

pelo documento Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2016).

Fica o convite para que possamos atuar como guardiãs e guardiões desta história e dessa avaliação que, diferentemente da história de Procusto, não quer extirpar as diferenças, e sim construir uma educação em que essas diferenças sejam celebradas, as desigualdades combatidas e a equidade construída.

Esse é o convite.

Essa é a história que ainda está em construção.

Que possamos dar continuidade a ela...

E como diria o poeta Carlos Drummond de Andrade (1940)²:

vamos de mãos dadas!

2 Poema Mãos dadas. Carlos Drummond de Andrade (1940).



Desenho: Vitor, 5 anos.



Fotos: Ana Barbara dos Santos



Para saber mais

Vídeo: O perigo de uma história única

Chimamanda Adichie.

Duração: 18min46. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>



Referências

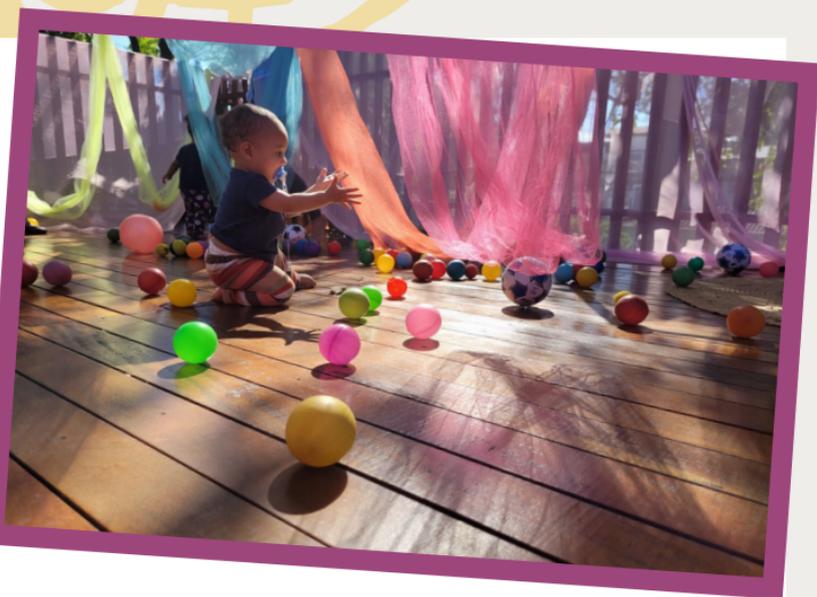
- ABRÃO, B. S.; COSCODAI, M. U. **Dicionário de mitologia**. São Paulo: Best Seller, 2000.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FORMOSINHO, J. **O currículo uniforme pronto-a-vestir de tamanho único**. Mangualde: Pedagogo, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. **Qualidade na educação**: uma nova abordagem. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2010.
- GOIS, A. **O ponto a que chegamos**: duzentos anos de atraso educacional e seu impacto nas políticas do presente. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.
- RIBEIRO, B. **Pedagogia das miudezas**: saberes necessários a uma pedagogia que escuta. São Carlos: Pedro & João, 2022.
- SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Indicadores de qualidade da educação infantil paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2016.



Fotos: Ana Bárbara dos Santos

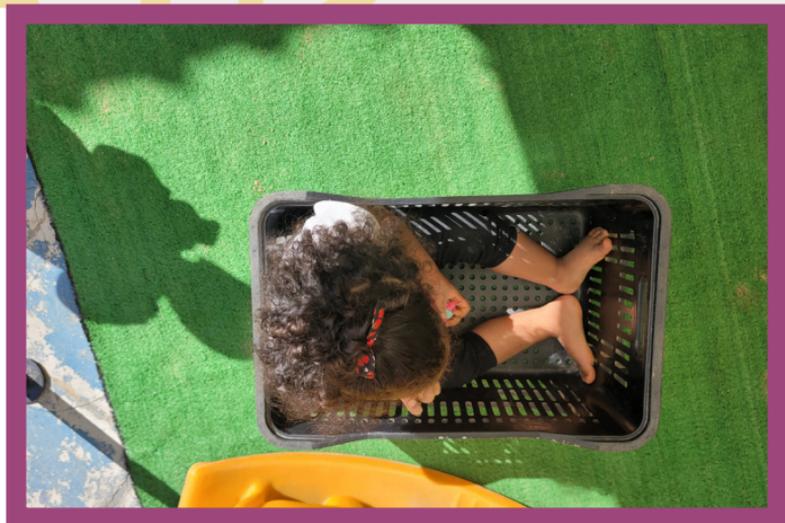
ANOTAÇÕES





ANOTAÇÕES





ANOTAÇÕES





ANOTAÇÕES





ANOTAÇÕES





Fotos: Ana Bárbara dos Santos

ANOTAÇÕES





ANOTAÇÕES



ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES



PROJETO GRÁFICO - CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação de Arte

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario - *projeto e diagramação*

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Marcos Roberto da Silva Moreira

Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade de à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações. Consulte material disponibilizado em: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Publicação disponível no Centro de Documentação
da Educação Paulistana
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO